



SOBRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO EM *O GIGANTE ENTERRADO*, DE KAZUO ISHIGURO



ON MEMORY AND OBLIVION IN *THE BURIED GIANT*, BY KAZUO ISHIGURO

Adolfo José de Souza ANDRÉ
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 18/02/2023 • APROVADO EM 07/10/2023

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i2.764>

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar aspectos relacionados à memória e ao esquecimento no romance *O gigante enterrado*, de Kazuo Ishiguro, e observar como ambos os temas apresentam aspectos positivos e negativos, conforme o ponto de vista assumido. A narrativa de Ishiguro reflete sobre os benefícios que o esquecimento pode apresentar em um período marcado por guerras (na Inglaterra medieval), mesmo que, por outro lado, a ausência de memória pode, também, apresentar o enfraquecimento das relações afetivas e pessoais. Tendo como protagonistas o casal Axl e Beatrice, o romance analisa a importância da memória para ambos em sua meta de encontrar o filho ausente e como a paz pode ser alcançada com subterfúgios que tentem mitigar as diferenças identitárias.

Abstract

The purpose of this article is to analyze some aspects related to memory and oblivion in the novel *The Buried Giant*, by Kazuo Ishiguro. It is also a purpose to observe how both themes present positive and negative aspects, according to the assumed point of view.

Ishiguro's narrative reflects about the benefits that oblivion can present in a period marked by wars (In a medieval England), even that, by the other side, the absence of memory can also present the weakening of the personal and affective relations. Having as protagonists the couple Axl and Beatrice, the novel analyzes the importance of memory to both characters in their goal to find the absent son, and how peace can be achieved by subterfuges that try to mitigate identity differences.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Identidade. Romance. Kazuo Ishiguro.

Keywords: Memory. Oblivion. Identity. Novel. Kazuo Ishiguro.

Texto integral

Introdução

O pensamento filosófico grego articula o conceito de verdade com a negação simbólica do esquecimento. Quer dizer, em virtude do seu valor perene, permanente, que não se modifica com a sucessão temporal, a verdade grega não é afetada por um dos nossos maiores inimigos: o esquecimento. Há, então, basicamente, uma força de oposição, um embate que é travado nas urdiduras intangíveis do pensamento humano. E essa força que se configura como verdade recebeu um nome: *Aletheia*.

Esta palavra, não por coincidência, é composta pela junção da raiz *-leth*, que significa algo oculto, encoberto ou latente, e mais o prefixo *a-*, que indica uma oposição, um sentido contrário e que marca a condição de nossa transitoriedade. A palavra *Aletheia* se constrói, primordialmente, a partir de um posicionamento de negação da ideia de ocultação e de encobrimento. Assim, esse vocábulo pode ser entendido como alguma coisa não latente, não encoberta, não oculta, e isso significa a verdade que se revela, como um véu que se descortina.

Por outro lado, ainda considerando a raiz *-leth*, é também possível relacioná-la ao conhecido rio Lete, que fica basicamente na entrada do Hades e é por onde a alma do recém-chegado deve passar (ou para se banhar ou para beber a sua água, dependendo da versão do mito) para que seja direcionado à sua nova existência como sombra, desprovida de toda a memória armazenada durante a vida. Com isso, é possível também entender *Aletheia* como o “inesquecido” ou o inesquecível. Em consequência, por sua herança grega, o pensamento filosófico europeu se desenvolveu levando-se em consideração que a busca da verdade estava associada à negação do esquecimento, portanto, à consagração da memória e da lembrança (WEINRICH, 2001, p. 20-21).

O rio, naturalmente, apresenta uma consistência líquida e essa é uma característica que vai reforçar a ideia da perda, quando se pensa na faculdade da memória, pois, quando se fala em liquidá-la, além da alusão ao esquecimento no sentido literal, é possível também entender como o mergulho da memória no rio Lete (o que, evidentemente, provocaria o esquecimento, de forma inevitável).

As águas são o elemento que dão vida, mas também inspiram a morte. Elas se desenvolvem numa trágica ambivalência, já que a água bebida tem o poder restaurador da vida. Por outro lado, se somos embebidos por ela, perdemos da

forma mais melancólica possível, e a literatura nos oferece alguns exemplos: Ofélia mergulha na loucura da perda do pai, Polônio, e afoga-se no rio onde caiu; os guerreiros itacenses são tragados pelos monstros marítimos Cila e Caribde e pela fúria do ofendido e vingativo deus marinho, Poseidon.

As águas têm essa força simbólica de mantenedora da vida, mas também serve de alerta para a nossa finitude existencial, ou seja, ela nos incomoda porque nos revela a nossa transitoriedade, que é uma característica incômoda desde que tomamos consciência de nossa mortalidade. Além disso, essa ideia corrente nos deixa sempre em perene angústia, pois, uma vez que algo é liquidado, não consegue submergir, voltar à tona, por isso perde a sua visibilidade e todos os seus segredos, que ficarão recônditos no abismo. Ganha o triste *status* de sombra, daquele elemento difícil de ser discernido, que foi abandonado e esquecido, como as sombras que Dante divisou no Inferno, distantes da graça divina e condenadas à danação eterna do oblívio, a mesma condição alcançada pelo deus do tempo e da melancolia, Cronos (ou Saturno). Pensando em sua condição imortal, resta ao titã o maior castigo das profundezas do Tártaro, pois é condicionado à prisão letárgica e relegado ao esquecimento.

No romance de Kazuo Ishiguro, *O gigante enterrado*, ao invés de um rio em que todas as almas devam mergulhar para assumirem uma nova existência espiritual, a grande força do esquecimento é provocada por uma estranha névoa que vem assolando, por anos, as terras que, posteriormente, seriam a Inglaterra. Em uma narrativa medieval, com elementos de fantasia, Ishiguro desenvolve uma interessante e profunda reflexão a respeito dos benefícios e malefícios que o esquecimento pode apresentar. Como uma verdadeira faca de dois gumes, a reflexão que o livro estimula diz respeito ao que se deve lembrar e o que se é necessário esquecer.

A névoa do esquecimento é provocada por uma dragoa chamada Querig. Embora existam elementos de fantasia, como cavaleiros arturianos, ogros, dragões e outras criaturas desse reino fantástico, o autor nipo-britânico opta por desenvolver a narrativa focando em problemas que estão muito mais próximos da nossa realidade do que acentuar os perigos advindos do encontro das personagens com esses seres mitológicos.

E o intuito deste artigo é discutir o grande desafio enfrentado principalmente pelas personagens centrais do enredo: o casal de idosos Axl e Beatrice. O desafio é saber lidar com o esquecimento e aceitar que certas experiências da vida devem permanecer ocultas do pensamento, apagadas por alguma estratégia da própria inconsciência. O romance de Ishiguro reflete sobre a importância da memória, mas, também, acima de tudo, a importância do ato de se esquecer. E sobre o fato de que a verdade da vida só é alcançada quando a memória é preservada, pois é a partir dessa faculdade que a identidade é ressignificada e que o conjunto de nossas experiências é armazenada em camadas, como eram dispostas, antigamente, as informações escritas em um palimpsesto. Memória e esquecimento são dois lados de uma mesma moeda, e que apresentam, na narrativa de Ishiguro, aspectos positivos e negativos. O que, no primeiro momento, se torna a grande vilã da narrativa, a névoa do esquecimento, acaba assumindo um valor positivo por conta de sua manutenção da paz, arduamente conquistada pelo rei Arthur.

A metáfora do palimpsesto é de Thomas De Quincey, que comparou o cérebro humano a esse tipo de pergaminho. Esse pergaminho se tornava, sucessivamente, a base de escritos diversos: “na Antiguidade, por exemplo, o pergaminho continha o manuscrito de uma tragédia; depois, sob uma preparação cuidadosa, sofria um processo de limpeza e podia receber na Antiguidade tardia uma lenda alegórica e [...] na Idade Média, um poema épico cavaleiresco” (ASSMANN, 2016, p. 166). Da mesma forma, a memória pode ser entendida como uma faculdade de armazenagem de imagens que são postas em camadas, que acabam se misturando e contribuindo para a formação da nossa identidade.

Memória, esquecimento e identidade

Além da já aludida representação do esquecimento por um rio, o Lete, o rio mitológico em que as almas devem enfrentar para alcançar o Hades, o esquecimento também é representado pela imagem de um abismo. Conforme escreve Harald Weinrich, se a memória for representada como um armazém, “estaremos mais próximo do esquecimento quanto mais fundo descermos a esses porões. Lá a lembrança *abissal* passa imperceptivelmente quanto mais fundo descermos a esses porões” (2001, p. 21, grifo do autor). Algumas imagens literárias ilustram essa ideia: a funda cova do eu (Hegel), o poço do passado (T. Mann) ou o abismo das olvidas eras (Tomás Ribeiro). Além disso, a expressão “cair no esquecimento” (“*to fall into oblivion*” – inglês, e “*tomber dans l’oubli*” – francês) indica a mesma inevitável imagem do mergulho no abissal (WEINRICH, 2001, p. 21).

Essa imagem dá a impressão de que existe um tipo de mergulho no inconsciente humano, onde as memórias acabam se perdendo, desarticulando-se quanto mais profundo for o abismo. As metáforas do esquecimento apresentadas por Weinrich (2001) não possuem um valor positivo, pois o ser humano deve estar em constante vigília para que a sua memória não se perca.

No romance de Ishiguro, a névoa que assola a região é considerada uma maldição que pesa sobre aqueles que não conseguem se desvencilhar de sua influência. Beatrice, após conversar com uma mulher a respeito da influência da névoa, explica para Axl:

“Quando eu estava ouvindo essa história, fiquei com medo, mas não muito, porque disse a mim mesma que isso não tinha nada a ver com nós dois, Axl. Mas a mulher continuou falando e disse que esta terra tinha sido amaldiçoada com uma névoa do esquecimento, uma coisa sobre a qual nós mesmos já falamos várias vezes. E aí ela me perguntou: ‘Como a senhora e o seu marido vão provar o seu amor um pelo outro, se não conseguem se lembrar do passado que compartilharam?’. E tenho pensado nisso desde então. Às vezes, penso nisso e fico com muito medo.” (ISHIGURO, 2015, p. 37)

O medo de Beatrice é compreensível, pois a memória guarda, em imagens, as experiências do passado. Como é possível manter a relação histórica e pessoal sem que existam recordações que ajudem a manter o laço afetivo familiar? Beatrice

receia que se apague a memória que ambos têm do casamento, principalmente por se tratar de uma memória armazenada no cérebro. Considerando que o romance é ambientado na Idade Média, quando os meios de preservação da memória eram mais precários, e a expectativa de vida menor do que no século XXI, por exemplo, o medo de Beatrice é considerável, já que o meio de armazenagem é delicado e pouco confiável. Em virtude de nossa transitoriedade, os seres humanos criaram meios artificiais de preservação da memória. Conforme escreve Douwe Draaisma (2005, p. 21), “[n]ós nos armamos contra a transitoriedade implícita na mortalidade da memória por meio da criação de memórias artificiais”, e “[o] mais antigo auxílio à memória é a escrita”.

Memória e biografia são palavras correlacionadas. De acordo com Douwe Draaisma (2005, p. 49), “[n]a história da cultura ocidental sempre houve uma ligação íntima entre a memória e a escrita”. Ainda seguindo ele:

A palavra latina *memoria* tinha duplo sentido: “memória” e “autobiografia”. Entre os usos antigos, hoje obsoletos, da palavra inglesa “memorial” (“monumento” em português) figuravam tanto “memória” quanto “registro escrito”. Essa dualidade sublinha o elo entre a memória humana e os meios inventados para registrar os conhecimentos independentemente dessa memória. (grifo do autor)

Conforme Aleida Assmann (2016, p. 195), os egípcios acreditavam que a escrita funcionava como um meio de eternização e de suporte da memória, pois eles perceberam que os monumentos colossais, com o passar dos séculos, sofriam a deterioração por conta da ação do tempo. Entretanto, os documentos escritos, da mesma época dos monumentos, continuavam sendo copiados, lidos e estudados. Assim, os escribas egípcios “constataram que vestígios de tinta preta sobre um papiro frágil perfaziam um monumento mais duradouro que túmulos caros com ornamentação dispendiosa”. Assim, conclui Assmann (2016, p. 195): “[u]m papiro do século XIII de nossa era compara a força preservadora de túmulos e livros e chega, com isso, ao resultado de que a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento”.

Já Maurice Halbwachs entende que, mais do que eficiente, a escrita se torna “o único¹ meio de preservar” lembranças é fixá-la por meio de narrativas, principalmente quando se leva em consideração a transitoriedade dos grupos sociais, que acabam sendo substituídos por outros grupos com o passar das décadas:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido ou que dele teve consequências, que a ele assistiu ou dele recebeu uma descrição ao vivo de atores e espectadores de primeira mão – quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam

¹ Dado a época da escrita do livro *Memória coletiva*, por volta dos anos 1940, é possível entender que Halbwachs não considerou outros meios de preservação mnemônica, inclusive mais modernos, como as gravações de áudio e vídeo.

mais por esses fatos que lhe são decididamente exteriores, então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem. (HALBWACHS, 2006, p. 101)



O perigo da morte social, que é o esquecimento, também problematiza um segundo e importante detalhe da memória: a sua relação com a identidade. Conforme explica Michael Pollak (2020, p. 204), a identidade seria “a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria”, portanto, “a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.

Já Kathryn Woodward (2000, p. 12) entende que a identidade se configura a partir de uma relação comparativa (e que acentua diferenças) com o outro, e a aludida “diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”.

A tese de Woodward (2000) surge a partir de um contexto de guerra. Analisando o conflito entre sérvios e croatas, a autora explica que a identidade dessas etnias é marcada pela comparação e pelo realce das diferenças identificadas por ambos os grupos:

Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (Croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença. (WOODWARD, 2000, p. 8)

A autora ressalta o contexto beligerante entre os dois grupos para desenvolver o seu argumento de que “a identidade é relacional”, ou seja, depende do outro para que ela se diferencie. Da mesma forma, é possível observar diferenças culturais entre os povos bretões e os saxões presentes no romance *O gigante enterrado*. Quando Axl e Beatrice (ambos são bretões) começaram a viagem, encontraram uma senhora que comentou: “‘Saxões têm modos rudes, mas costumam acolher viajantes com mais facilidade do que nosso próprio povo’ [...] ‘Sentem-se, primos’” (ISHIGURO, 2015, p. 30). Em outro momento, quando Axl conversa com o guerreiro saxão Wistan, este comenta:

“Longe disso, senhor”, disse Axl. “Mal se nota que o senhor não é um falante nativo. Na verdade, não pude deixar de notar ontem à noite a maneira como o senhor carrega sua espada: mais próxima da cintura e mais alta do que os saxões costumam carregar, a mão pousando com facilidade no punho quando o senhor anda. Espero que não se ofenda com o que eu vou dizer, mas é uma maneira muito parecida com a dos bretões”. (ISHIGURO, 2015, p. 57)

Ambientado em um tempo pouco posterior à morte do rei Arthur, quando ele, vitorioso por impedir a invasão da Britânia pelos saxões, conseguiu instaurar

um período sem conflito entre ambas as etnias, o romance de Ishiguro acentua certas diferenças culturais entre os povos, ainda inimigos. A aparente paz havia sido restaurada pela vitória do rei, que solicitou ao mago Merlin que este lançasse um feitiço na dragoa Querig para que o seu bafo emanasse uma névoa que provocava o esquecimento. Assim, não só as particularidades das vidas daqueles que foram influenciados pela névoa seriam esquecidas, mas também a rivalidade e os massacres típicos da guerra também seriam ignorados pelos perdedores, os saxões.

Voltando a Michel Pollak (2018, p. 204), o autor ressalta que a imagem que criamos para representar a nossa identidade serve para nos diferenciarmos do outro e que ela é passível sempre de mudança, ou seja, ela se caracteriza por sua instabilidade (no sentido de que as interações sociais influenciam e alteram a imagem que construímos para nós e para os outros). Por esse motivo:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 2018, p. 204)

Identidade e memória são dois elementos que interagem entre si e que contribuem para a formação de nossa própria existência. É indubitável que exista uma forte, perene e elementar relação entre memória e identidade. Quer dizer, a memória é sim essencial para a nossa constituição enquanto sujeito, pois, escreve Pollak (2018, p. 204), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Jacques Le Goff também defende que exista essa relação ao afirmar que “[a] memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (2003, p. 469, grifo do autor). E Joël Candau (2016, p. 16), a partir da releitura que faz de Anne Muxel, observa que “o trabalho da memória atua na construção da identidade do sujeito, é ‘o trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação ao seu passado para chegar a sua própria individualidade’”.

Esses autores ressaltam a relação existente entre memória e identidade, pois, ainda conforme Candau (2016, p. 16) “é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade”.

Por essa breve exposição, é possível perceber a importância que a faculdade da memória tem para o ser humano, pois é o registro de momentos da vida, muitos deles significativos, que ficam armazenados em camadas e ajudam na constituição da identidade. Entretanto, embora o romance de Ishiguro enfatize a importância da memória (a se discutir na próxima seção), a narrativa, quando se aproxima do final, destaca a importância do esquecimento, que também é essencial para a manutenção da paz, tanto dos dois povos (bretões e saxões) quanto das próprias personagens, que receiam terem cometido alguma infração grave cuja memória poderia ameaçar a estabilidade do relacionamento (Axl e Beatrice). Mais do que uma cultura da memória, que precisa ser preservada, *O gigante enterrado* discute uma cultura do esquecimento, como essencial para a estabilidade social e afetiva.

Quando o esquecimento significa paz

Conforme já comentado, existe uma névoa do esquecimento que está sobre a região onde vivem os povos bretão e saxão. Essa névoa é provocada pelo bafo da dragoa adormecida Querig, que fora encantada pelo mago Merlin, na época do reinado de Arthur.

As personagens principais da narrativa, Axl e Beatrice, objetivam fazer uma viagem para encontrar o filho, que vivia em outro vilarejo. A narrativa se concentra na viagem dos dois e também na trajetória de outras personagens que acabam se encontrando com os protagonistas, como o cavaleiro saxão Wistan e o lendário sobrinho do rei Arthur, o cavaleiro idoso Gawain, que protege a dragoa.

A viagem é perigosa por se tratar de um universo ficcional com a presença de seres mitológicos, como os dragões e os ogros. Ela também se torna perigosa por ressaltar o maior desafio que o casal enfrenta durante a jornada: o esquecimento, tido como uma doença que havia contagiado a todos. Em busca da presença do filho, há muito desaparecido, há muito com as feições físicas apagadas na lembrança, Axl se queixa de não saber mais qual a aparência do sucessor, se ele já tinha filhos ou não. O que ele ainda mantinha era somente uma vaga imagem da época de sua infância, que ainda permanecia em sua memória:

“Quando eu estava lá fora agora há pouco, aproveitando o silêncio para tentar recordar o máximo que eu pudesse, muitas coisas me vieram à mente. Mas eu não consigo me lembrar do nosso filho, nem do rosto nem da voz dele, embora às vezes tenha a impressão de conseguir vê-lo quando ele ainda era um menininho, e eu andava de mãos dadas com ele pela beira do rio. Ou de uma vez em que ele estava chorando e eu estendi os braços em sua direção para consolá-lo. Mas que aparência ele tem agora, onde está morando, se já tem filhos ou não, de nada disso eu me lembro. Eu tinha esperança de que você se lembrasse de mais coisas, princesa.” (ISHIGURO, 2015, p. 22)

A pouca memória do filho, já que nem Axl muito menos a esposa se lembrava de suas feições físicas, indica haver um problema de esquecimento que, no primeiro momento, se torna algo perigoso e indesejável. Na verdade, a grande reviravolta da narrativa acontece bem no final, quando o leitor descobre quem é o

responsável pelo surgimento da névoa e qual o objetivo de sua existência, o que, por um lado, se torna compreensível dadas as circunstâncias de guerra e o perigo do seu retorno. Muito do que o leitor ignora durante a narrativa receberá uma explicação plausível e convincente no seu final, e o que parecia ser um problema, era, na verdade, uma solução encontrada pelo rei Arthur para a manutenção da paz.

Na verdade, ainda considerando a pouca memória do filho que o casal possuía, é motivo para suspeitar de que haja um certo distanciamento temporal considerável no que concerne a sua interação com os pais. A morte do filho, que é revelada no final, e a escassa lembrança que os dois ainda preservavam dele, indicam que o desenlace ocorrera há anos, e que a viagem do casal era, na verdade, para encontrá-lo no outro lado da vida. Mas ambos ignoravam a morte do sucessor por conta da névoa de Querig, ainda influente.

Há no sentimento do casal um medo premente de que o esquecimento possa provocar o esfriamento da relação entre os dois porque existe, conforme já discutido anteriormente, uma relação aproximada entre memória e identidade (aqui, coletiva, por conta da relação afetiva dos dois). Se há falta de memória, então a sequência de imagens que se acumulam como um palimpsesto acaba se desvanecendo, o que indica haver um perigo de que não exista mais qualquer sustentação emocional para justificar a união de Axl e Beatrice. E eles temem isso, temem perder o sentimento que ainda os conecta, por causa da nuvem de esquecimento, que os influencia:

“O que você está dizendo, princesa? Como é que o nosso amor pode murchar? Ele não está mais forte agora do que quando éramos dois jovens tolos e apaixonados?”

“Mas, Axl, nós não conseguimos sequer nos lembrar dessa época. Nem de nenhum dos anos entre aquele tempo e agora. Não lembramos das nossas brigas mais difíceis nem dos pequenos momentos que foram deliciosos e preciosos para nós. Não lembramos do nosso filho nem por que ele está longe de nós.”

“Podemos fazer todas essas lembranças voltarem. Além disso, o sentimento que tenho por você no meu coração vai continuar lá de qualquer forma, não importa o que eu lembre ou esqueça. Você não sente assim também?” (ISHIGURO, 2015, p. 37-38)

O medo do casal é compreensível tendo em vista o sentimento de continuidade e de coerência dos dois, em sua reconstrução de grupo. A perda da memória sinalizaria para o perigo da descontinuidade, do afastamento e do enfraquecimento do laço afetivo, pois o amor do casal foi construído e estabelecido pela relação mútua. Portanto, cada memória afetiva que ainda permanecia, que ainda não fora apagada pela névoa de Querig, era preciosa para os dois, conforme explica Beatrice: “Com essa névoa sobre nós, qualquer lembrança é preciosa, e o melhor que temos a fazer é nos agarrar a ela” (ISHIGURO, 2015, p. 62).

Como os bens mais preciosos precisam ficar armazenados em locais seguros, fica evidente que a memória familiar é aquilo que mais o casal preza. Entretanto, a memória fica fragilizada quando o registro é apenas mental, e com a maldição da névoa do oblívio, esses pequenos flashes mnemônicos se tornam

ainda mais valorizados em virtude do desaparecimento súbito dos momentos que marcaram a vida dos protagonistas.

Por outro lado, existe um benefício incomensurável que o esquecimento também pode proporcionar. E aqui o leitor se depara com o outro lado da moeda do dualismo memória e esquecimento. O diálogo de Axl e Beatrice a respeito do oblívio é bastante esclarecedor e indica uma aparente contradição, pois o que poderia ser desejável (a preservação da memória) se descortina como um verdadeiro perigo para a continuidade da relação dos dois:

“Axl, me diga uma coisa, se a dragoa morrer mesmo e a névoa começar a se dissipar... Axl, você alguma vez já teve medo do que nós vamos descobrir quando isso acontecer?”

“Mas você mesma não disse, princesa, que a nossa vida juntos é como uma história com final feliz, não importa que curvas ela tenha feito no caminho?”

“Eu disse isso antes, Axl. Mas agora que é possível que nós mesmos matemos Querig, um lado meu está com medo de que a névoa desapareça. Você está sentindo isso também, Axl?”

“Talvez, princesa. Talvez eu sempre tenha sentido isso. Mas eu tenho mais medo daquilo que você disse antes, quando nós estávamos descansando perto do fogo.”

“O que foi que eu disse antes?”

“Você não se lembra, princesa?”

“Nós tivemos alguma briga boba? Não estou conseguindo me lembrar de nada, a não ser que eu estava quase enlouquecendo de tanto frio e cansaço.”

“Se você não se lembra, princesa, então vamos deixar que fique esquecido.” (ISHIGURO, 2015, p. 195)

Quando a memória de um acontecimento não é boa, o esquecimento se torna uma solução desejável. O benefício do oblívio possibilita um recomeço quando a memória que se tem de determinada coisa provoca o remorso. O remorso, de acordo com Luis Kancyper (1994, p. 65), “define-se como o pesar interno que produz na alma o ter realizado uma ação má”. O remorso indica ser uma relutância dos acontecimentos e atitudes do passado, daquilo que foi dito, feito, mas que provocou arrependimento e sensação de fracasso, e essa sensação causa sofrimento:

O remorso é a inquietude que desperta a memória de uma culpa, crescida clandestinamente na obscuridade. Culpa singular, repetitiva, que se caracteriza por ser sempre pródiga em novas retaliações, revertidas sobre a própria pessoa.

Esta culpa põe em evidência o acionar de um castigador interno, que cumpre suas funções de tortura no próprio sujeito, com eficiência e fidelidade, em forma alternada ou permanente. (KANCYPER, 1994, p. 66)

Conforme explica o autor, esse sentimento é produzido quando o sujeito percebe ter cometido algum erro e se arrepende, principalmente por crer que não terá a possibilidade de consertá-lo. E em *O gigante enterrado*, o remorso acaba

sendo sobrepujado pelo medo, provocado pelo esquecimento. Daí que a memória, nessa narrativa, também se torna algo indesejável, pois a tortura interna está na possibilidade de que algum mal praticado no passado seja lembrado, o que quebraria a união do casal tantas vezes ressaltada nessa história.

Em um determinado momento da narrativa, Beatrice se lembra de que fora abandonada por Axl em uma cama solitária. O marido sugere se tratar de uma falsa memória, por influência de feitiço. À medida que o diálogo avança, o leitor descobre que Beatrice alega ter sido deixada porque Axl foi embora com outra mulher mais jovem e mais bonita. O marido insiste na ideia do feitiço:

“Talvez você tenha razão, Axl. E, se são lembranças verdadeiras, elas são de muito tempo atrás. Mesmo assim...” Como Beatrice ficou em silêncio, Axl achou que ela tivesse adormecido de novo. No entanto, passado um tempo, a mulher disse: “Mesmo assim, marido, são lembranças que me fazem querer ficar longe de você. Depois que tivermos descansado aqui e formos recomeçar a nossa viagem, eu quero que me deixe andar alguns passos na sua frente. Vamos seguir o nosso caminho assim, marido, eu na frente e você atrás, pois não vou aceitar bem a sua presença ao meu lado agora”. (ISHIGURO, p. 195-196)

Há certos acontecimentos de outras épocas que a névoa acabou encobrando, o que, para Axl, não teve o mesmo efeito que teria para Beatrice. A verdade, aquilo que deveria permanecer oculto e que veio à tona, só poderia ser alcançada depois do desaparecimento de Querig. Para o casal protagonista, a verdade envolvia não somente o destino do filho, que havia morrido ainda jovem, mas também a motivação da viagem, que seria para reencontrá-lo na outra vida. Ishiguro recria a imagem do barqueiro responsável por fazer a travessia para o outro lado da ilha. Da mesma forma que a primeira viagem, por terras de uma Inglaterra ainda medieval, apresentava inúmeros perigos, inclusive para os cavaleiros mais preparados, a última viagem do casal, para o outro lado da ilha, também apresentava o que poderia ser o maior de todos os perigos: o afastamento dos dois para uma eternidade que se descortinaria do outro lado. É por esse motivo que, no romance, os atravessantes precisavam falar de suas lembranças mais caras. Quando se tratava de um casal, o barqueiro perguntaria separadamente e, conforme a resposta, o destino dos dois estaria selado, ou para a solidão eterna ou para a continuidade do laço afetivo, agora no mundo espiritual. E o conhecimento da verdade está, para o barqueiro, na manutenção de uma memória preservada, coletiva, e que manteria, no além, a ligação estabelecida na terra:

“É verdade, boa senhora [Beatrice], mas nós, barqueiros, já vimos tantos viajantes ao longo dos anos que não demoramos muito a perceber o que está por trás das aparências. Além disso, quando os viajantes falam de suas lembranças mais caras, é impossível para eles ocultar a verdade. Um casal pode declarar estar unido por amor, mas nós, barqueiros, podemos ver em vez disso ressentimento, raiva e até ódio. Ou um enorme vazio. Às vezes, só o medo da solidão e mais nada. Um amor infinito, que resistiu à passagem dos anos, isso nós só encontramos raramente. E quando

encontramos, temos enorme prazer em transportar o casal junto.” (ISHIGURO, 2015, p. 36-37)

O casal obtém a promessa do barqueiro, de que ficarão juntos no além, embora o transporte pelo barco seja individual, o que despertou medo em ambos. A névoa dissipada trouxe de volta a lembrança mais dolorida de Beatrice, quando ela fora proibida de visitar o túmulo do filho. Sob a influência da névoa, o casal decide ir à busca do filho, mesmo não tendo certeza de onde procurá-lo. Os dois protagonistas foram movidos por uma necessidade que, no primeiro momento, não estava bem clara para eles, mas que foi revelada assim que a dragoa fora morta, pelo cavaleiro Wistan.

O grande objetivo deste cavaleiro era matar Querig para que os saxões, derrotados pelo rei Arthur, pudessem se lembrar das mortes, do sofrimento e das humilhações e retomarem para a guerra. Como Merlin havia lançado o feitiço do esquecimento no bafo da dragoa, o sobrinho do rei, Sir Gawain, dedicou a vida em sua proteção, até ser tombado em batalha contra Wistan, já no final da narrativa. Momentos antes da batalha decisiva, os dois conversam a respeito do objetivo de Arthur e da mágica de Merlin:

“Tenebroso, senhor?”, disse Gawain. “Por que tenebroso? Era o único jeito. Antes de termos vencido de fato aquela batalha, eu cavalguei até aqui com quatro bons companheiros para domar esta mesma criatura, que naquela época era não só poderosa como colérica, para que Merlin pudesse pôr seu grande feitiço no hálito dela. Ele pode ter sido um homem tenebroso, mas nessa ocasião ele fez a vontade de Deus, não só a de Arthur. Sem o hálito dessa dragoa, será que a paz algum dia teria chegado? Olhe como nós vivemos agora, senhor! Antigos inimigos como primos, em todas as aldeias. Sr. Wistan, o senhor se calou diante desta visão. Eu vou pedir de novo. Será que o senhor não pode deixar essa pobre criatura viver os dias que lhe restam? O hálito dela não é mais o que era antes, mas ainda mantém a mágica até hoje. Pense, senhor, no que poderá despertar por toda esta terra quando esse hálito cessar, mesmo depois de tantos anos! Sim, nós matamos muitos, eu admito, sem nos importar se eram fortes ou fracos. Deus pode não ter sorrido para nós, mas nós varremos as guerras desta terra. Vá embora deste lugar, senhor, eu te imploro. Nós podemos rezar para deuses diferentes, mas com certeza o seu deve abençoar esta dragoa como o meu abençoa.” (ISHIGURO, 2015, p. 223-224)

O cavaleiro Wistan não poupa a vida da dragoa. Ao executá-la, a região começa a sentir os efeitos do fim da névoa do esquecimento, que retornou as lembranças esquecidas e que eram valoradas de forma diferenciada. Para Axl e Beatrice, o destino do filho, o objetivo da viagem e a possibilidade de continuarem a união do outro lado da ilha; para os bretões e saxões, a possibilidade de que a guerra, há muito extinta, pudesse voltar, e a paz do reino alcançada pela estratégia de Arthur estar novamente ameaçada.

Como uma moeda de duas faces, memória e esquecimento são valorizados conforme a necessidade e o objetivo de cada um. A grande lição que o romance *O gigante enterrado* apresenta para o leitor é uma profunda reflexão a respeito daquilo que se deve ou não ocultar, pelo véu do esquecimento, e do fato de que algumas memórias apagadas são mais convenientes para determinados grupos, conforme o resultado histórico dos acontecimentos. Isso pode ser observado tanto no âmbito particular – na história de Axl e Beatrice, que receiam terem se magoado, e a lembrança de suas ações poderia fazer o casamento ruir –, quanto no âmbito coletivo, já que o esquecimento mágico era o responsável pela sensível manutenção da paz entre os bretões e os saxões. Além disso, a *Aletheia*, alcançada pela oposição ao esquecimento, pode ser, no caso da rivalidade dos bretões e saxões, pouco salutar, uma vez que iria despertar uma velha rivalidade há muito esquecida.

Para um povo que vive sem memória, e vive a constante ameaça do esquecimento, a névoa do oblívio se apresentou como uma ameaça. Manter a paz de uma forma artificial, como foi o caso da história deste romance, traz sempre o fantasma de que aquilo que foi alcançado, a paz, possa se dissipar como uma névoa e a guerra, retornar com força. As relações entre povos historicamente rivais, porém, geograficamente (e culturalmente) tão próximos, mostram-se sempre estar em uma constante tensão. Sejam bretões e saxões, croatas e sérvios, russos e ucranianos, as diferenças e rivalidades acabam por aproximá-los, já que compartilham territórios muito parecidos. Embora o êxito do rei Arthur mostrasse tênue como a névoa da dragoa, a paz fora alcançada por um período determinado. O final da narrativa de Ishiguro deixa evidente que tempos sombrios iriam voltar e o plano de paz de Arthur, cuja estratégia fora feliz, chegara ao fim.

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*. Formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe (Coord.). Campinas: Unicamp, 2016.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

DRAAISMA, Douwe. *Metáforas da memória: uma história das ideias sobre a mente*. Tradução de Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

ISHIGURO, Kazuo. *O gigante enterrado*. Tradução de Sônia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KANCYPER, Luis. *Ressentimento e remorso*. Estudo psicanalítico. Tradução de Julio Ricardo de Souza Noto. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 20 abr. de 2020.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 6-130.

Para citar este artigo

ANDRÉ, Adolfo José de Souza. Sobre a memória e o esquecimento em *O gigante enterrado*, de Kazuo Ishiguro. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 2, p. 106-119, maio-ago. 2023.

Autoria

Adolfo José de Souza André possui graduação em Letras Portugues/Inglês pela Universidade Federal de Goiás (2003), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007) e doutorado em Letras e Linguística pela UFG (2013) e pós-doutorado em Estudos Literários (UFF). Mestrando em Psicologia pela UFG. Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Cora Coralina (Itapuranga). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: conto e romance em língua inglesa, memória, literatura nigeriana e teoria literária. Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI LP2 Estudos Literários e Interculturalidade, sediado na cidade de Goiás - no Câmpus Cora Coralina. E-mail: adolfojoseandre@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0986-4043>.